

A Pesquisa no Debate Contemporâneo e o Serviço Social

Alba Maria Pinho de Carvalho*

Antes de mais nada, quero dizer da minha alegria de estar aqui neste fórum, com colegas, estudantes, discutindo um tema que considero dos mais relevantes.

Como foi colocado ontem, aqui, na abertura - e foi, por muitas vezes enfatizado -, acho que a discussão desse tema, o aprofundamento dessa polémica, aponta para um novo momento dentro do Serviço Social. Como bem dizia a Professora Erlinda Borges Oliva ontem, aponta para um momento de maioridade do Serviço Social, em que ele se coloca como interlocutor no campo das ciências sociais e como produtor efetivo do conhecimento. Como pesquisadora, acho esse um momento de muita vitalidade para nós no interior e no âmbito da profissão. É um marco nessa nossa luta de muitos anos, na medida em que novos horizontes começam a se colocar. É importante lembrar que, recentemente, realizou-se no âmbito do Serviço Social, o III Encontro Nacional de Pesquisa e que, hoje, eventos dessa natureza começam a ser comuns no interior da nossa categoria, o que, para nós, é muito promissor.

Esperamos que o aprofundamento dessa temática, aqui, nos dê indicações para a continuidade de outros trabalhos e para o aprofundamento dessa questão do debate contemporâneo das ciências sociais e seus rebatimentos na pesquisa.

*Professora da Universidade Federal do Ceará

Em relação especificamente ao tema - "A Pesquisa no Debate Contemporâneo e o Serviço Social" - é necessário esclarecer que eu e a Professora Irllys Barreira, ao discutirmos a abordagem a ser aqui desenvolvida, tivemos clareza da complexidade e, mesmo, dificuldade da temática, na medida em que a sua discussão coloca a necessidade do enfrentamento de polêmicas que são os grandes divisores, hoje, da contemporaneidade.

E, a primeira dificuldade colocou-se para nós nesses termos: "o que é contemporâneo?" ... o que vamos chamar de contemporâneo?... Então, fizemos uma demarcação histórica: trabalhar contemporâneo em relação às duas últimas décadas, tomando a década de 70 e, sobretudo, a de 80 e os anos 90.

Uma outra dificuldade foi a própria delimitação do campo de discussão. Quando examinamos a temática, questionamos: onde é que vamos centrar nosso eixo de debate? E vimos, então, que seria fecundo entrar a abordagem no debate da pesquisa no âmbito das ciências sociais. Por quê? Porque entendemos que todo o esforço, toda a luta do Serviço Social em termos da pesquisa é para estabelecer uma interlocução efetiva no campo das ciências sociais. É nesse âmbito que o Serviço Social quer trabalhar e é nesse campo que vem trabalhando.

Então, decidimos centrar o eixo de nossa discussão na questão do debate contemporâneo nas ciências sociais, entendendo, no entanto, que existem especificidades na própria história, no próprio percurso do Serviço Social no campo da pesquisa. E, então, decidimos que iríamos abordar nas nossas falas a questão no âmbito das ciências sociais e que, no debate, aqui, iríamos construir coletivamente a análise de como toda essa discussão está debatendo no Serviço Social. Daí a importância que estamos reservando ao debate. Entendemos que esse momento implica em esforço coletivo para, juntos, vermos como essas polêmicas e discussões que estão apontando nas ciências sociais, estão debatendo no Serviço Social. E, entendemos que aqui é um espaço importante para este debate uma vez que, sendo um encontro inter-regional Norte-Nordeste, temos professores de diferentes escolas que podem, juntos, ver como, no interior de suas escolas, no interior dos seus cursos, está se dando o reatamento dessas questões. E aqui temos, também, pesquisadores que

estão trabalhando no campo da produção de conhecimentos, podendo, então, avaliar como as questões aqui postas estão tendo uma expressão no domínio do Serviço Social, inclusive, a nível ABESS, a nível de CEDEPS, tendo presentes os últimos encontros de pesquisa, sobretudo, esse encontro recente. É nesse nível que estamos propondo o debate. E, mais: quando definimos o nosso eixo de abordagem, passamos, então, a enfrentar uma dificuldade de ordem analítica pela não priorização na esfera das ciências sociais do debate especificamente metodológico, fenômeno que alguns cientistas vêm colocando, destacando-se, entre outros, Glória Gohn e Ruth Cardoso. De fato, hoje, nas ciências sociais, percebe-se uma priorização da pesquisa. A pesquisa é algo prioritário. Mas, ao mesmo tempo, vê-se uma pouca relevância do debate metodológico em termos da discussão da lógica da pesquisa. E, quando falo em debate metodológico, não estou falando simplesmente em abordagem de técnicas, de encaminhamentos, de estratégia. Estou falando, sobretudo, em lógica da pesquisa, em debate epistemológico, em debate filosófico que deve fundar a discussão da pesquisa. Entendemos que esse é um fenômeno que marca hoje as ciências sociais: há uma priorização da pesquisa, mas o debate da metodologia, nesse sentido amplo, hoje é pouco relevante. Vê-se mesmo que poucos analistas dedicam-se a este campo de estudos. Constatamos, hoje, uma discussão sobre linhas de pesquisa, sobre as perspectivas de análise a nível do Estado, dos movimentos sociais, da sociedade civil, avaliando-se que temáticas se colocam como demandas de investigação. No entanto, tem-se aprofundado pouco a polêmica mesmo que está na base do entendimento de pesquisa, que chamamos a polêmica metodológica.

Assim, feitas as delimitações necessárias, vimos que podíamos abordar o nosso eixo temático de diferentes ângulos. Precisaríamos, pois, ter um norte de abordagem, configurar um percurso analítico. Então, partindo de um pressuposto: a pesquisa, no seu desenvolvimento nas ciências sociais, é condicionada por dois fatores fundamentais. Um, o próprio movimento da realidade social que coloca demandas, temáticas, tendências. Outro, o desenvolvimento das perspectivas teórico-metodológicas, configurando os chamados paradigmas analíticos. De fato, esses dois fatores são condicionantes do desenvolvimento da

pesquisa. E, assim sendo, dividimos a nossa fala segundo esta lógica, delimitando duas abordagens: primeiro, uma abordagem mais filosófica de cunho epistemológico, metodológico em que vamos discutir algumas questões de fundo, questões mais no campo da abstração em torno do debate "racionalismo e irracionalismo". Em seguida, uma abordagem mais histórica de cunho mais sociológico em torno das tendências e marcos analíticos, fazendo um resgate da história recente da pesquisa nas ciências sociais no debate contemporâneo. E, nossa divisão interna de trabalho, enquanto componentes da mesa, ficou a seguinte: eu fiquei com a discussão de cunho mais filosófico, epistemológico, metodológico, considerando que é isso que venho atualmente trabalhando nas ciências sociais; e, a Irllys ficou com a parte mais de caráter histórico, sociológico do debate. A partir das duas falas, teremos, então, um terceiro momento, ainda, na mesa: um momento em que tentamos construir algumas questões em relação ao serviço social, ou seja, tentaremos problematizar o reatamento no Serviço Social. Após isso, será aberto o debate com a Plenária que, a nosso ver, permitirá em retorno em termos da discussão no campo específico do Serviço Social.

Essa é nossa proposta de trabalho para essa manhã, ou melhor, para esse dia, porque estamos incluindo na abordagem da temática, o debate e o trabalho de grupo.

"A PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO DEBATE CONTEMPORÂNEO ALGUMAS REFLEXÕES FILOSÓFICAS E EPISTEMOLÓGICAS"

Uma abordagem de cunho mais filosófico e, especificamente, mais epistemológico sobre a pesquisa nas ciências sociais no debate contemporâneo, remete-nos, de saída, a uma questão básica, questão essa que já foi aqui, colocada: a "crise dos paradigmas nas ciências sociais", ou seja, a crise dos modelos analíticos, explicativos no âmbito das ciências sociais.

Hoje, nas análises e debates, há uma insistência muito grande chamada "crise de paradigmas" para caracterizar o momento atual das ciências sociais. E o que se constata é que muitos fazem uma relação casual direta, imediata, entre essa crise de paradigmas e as mudanças, transformações da realidade social. De fato, o que se percebe, e muitas das

análises, é essa vinculação direta e imediata, enfocando a crise dos paradigmas como decorrência das transformações colocadas na contemporaneidade nesse final de milênio.

Sobre esta polêmica da crise dos paradigmas é necessário considerar, como ponto de partida, o seguinte entendimento: a complexificação do social, nesse final de milênio, coloca a necessidade, evidentemente, de uma discussão das teorias que tentam explicar esse social, mas reconhecendo isso, é fundamental ter como referência histórica que essa chamada crise de paradigmas não é uma questão nova nas ciências sociais. Na verdade, as ciências sociais e, especificamente, a Sociologia, sempre se viu às voltas com acirradas polémicas em torno de seus paradigmas. Assim, essa crise dos paradigmas, hoje tão alardeada no âmbito das ciências sociais, seria melhor contextualizada, melhor caracterizada, se a entendêssemos como parte, como um momento de um antigo debate em torno das questões cruciais quanto ao entendimento da realidade histórico social. Assim, entendo que essa questão de crise de paradigmas é algo que é inerente à própria natureza das ciências sociais. É evidente que esse debate, essa polêmica - que sempre foi uma constante nas ciências sociais -, hoje assume versões contemporâneas e muito próprias, em função dos determinantes históricos e do desenvolvimento dos próprios paradigmas, do avanço que se deu no interior das diferentes matrizes analíticas. Logo, a questão que se coloca para discutir, hoje, aqui, é como essa crise de paradigmas - que é uma constante nas ciências sociais -, apresenta-se hoje, na contemporaneidade. Quais são as novidades que essa crise está trazendo?

Essa discussão, remete-nos, enquanto assistentes sociais, à análise de Carlos Benedito Martins, no II Encontro Nacional de Pesquisa em Serviço Social, que se realizou em dezembro de 90, em Brasília. Num balanço da crise dos paradigmas nas ciências sociais, ele bem destacou o avanço no interior dos paradigmas analíticos, identificando como dificuldade o não cruzamento desses paradigmas. E apontou para a crise que ele chamou os dois grandes paradigmas contemporâneos na Sociologia: o funcionalismo e o marxismo, demarcando questões relevantes que se

colocam para estes dois modelos analíticos. E, finalmente, enfatizou o desafio que se configura hoje no campo das ciências sociais, que é o da síntese entre as chamadas análises macro e análises micro.

No meu entendimento, num balanço crítico das matrizes analíticas é evidente que há uma crise dos dois paradigmas. No entanto, é interessante notar que, hoje, quando se fala em crise de paradigmas, o peso dessa questão recai, sobretudo, no marxismo, dado ao próprio peso que essa perspectiva assumiu na contemporaneidade, com o agravante da alardeada crise do socialismo real.

Assim, em termos de capacidade analítica no campo da pesquisa, acusa-se o marxismo de incorrer em análises generalizantes, globalizantes, inadequadas para explicar uma realidade em rápida transformação, e de, assim, não dar conta de explicar os comportamentos concretos, os novos sujeitos sociais, suas novas formas específicas de luta. E o que é saudável: critica-se o determinismo, presente em algumas versões marxistas, - versões vulgares -, que acabam transformando os atores sociais em objeto e os comportamentos em ações automatizadas.

Especificamente, para nós, no Serviço Social, esta questão da crise do paradigma marxista, tem peso muito grande. E por que? - Justamente porque após um momento de exaustivas críticas ao funcionalismo, ao positivismo, assumimos o marxismo como uma referência teórica básica em nossas produções. Vê-se hoje, que a produção contemporânea do Serviço Social é trabalhada muito dentro do marxismo. E mais: o marxismo também passou a se constituir uma das referências básicas da construção de identidade da profissão na nossa história recente.

Assim, quando se fala em crise do paradigma marxista, isto tem muito peso para nós, assistentes sociais, até porque estamos num recente encontro com o marxismo que é, de fato, um marco muito expressivo em nossa trajetória de reconceituações. Portanto, acho inadiável o desafio de enfrentarmos essa discussão, o que remete a questões básicas, quais sejam: como o Serviço Social está trabalhando essa chamada crise do paradigma marxista? O que já avançamos? Qual o nosso posicionamento? Como isso está chegando nas escolas, ou seja, qual o rebatimento dessa polêmica na formação profissional?

Partindo do pressuposto que a questão da crise de paradigmas é uma constante nas ciências sociais e que hoje tem versões próprias, uma questão básica configura-se: qual é a novidade que essa crise traz hoje? Qual é a novidade que está trazendo na contemporaneidade?

E, avançando a reflexão, tem-se que a novidade é justamente o reconhecimento, por parte dos cientistas, dos pesquisadores, de que os diferentes modelos explicativos não estão conseguindo responder às novas configurações da realidade em transformação, colocando desafio de se buscar novos caminhos analíticos, novas vertentes explicativas. E, nessa busca do novo, os pesquisadores em ciências sociais hoje reconhecem e declaram a impossibilidade do pesquisador fechar-se hermeticamente em um único paradigma, qualquer que seja ele: um velho paradigma ou um paradigma clássico como, por exemplo, o funcionalismo, o marxismo ou os novos paradigmas de abordagens culturalistas, de análise do cotidiano ou do imaginário. No momento atual, as discussões e críticas dos analistas evidenciam a convicção da impossibilidade do pesquisador ficar fechado num único paradigma, podendo-se mesmo afirmar que esta é, na atualidade, uma tendência das Ciências Sociais. Assim sendo, os analistas apontam como alternativa a comunicação, a interconexão entre os paradigmas, enquanto perspectivas teórico-metodológicas de explicação da realidade social. E, essa exigência de inter-comunicação, de interconexão, aparece de diferentes formas nas análises, com formulações diversas que apontam para o mesmo eixo. Aparece, como explicita Carlos Benedito Martins, em termos de síntese entre a micro e a macro abordagens; aparece em termos de relação entre estrutura e sujeito que os analistas de movimento social estão colocando; aparece em termos da necessidade da interligação entre processos estruturais e práticas sociais; e aparece, ainda, quando os estudiosos falam na relação entre enfoques de estrutura e enfoques culturalistas.

Assim, a novidade que demarca uma tendência da pesquisa nas ciências sociais é, justamente, a guerra ao dogmatismo em qualquer das suas versões. E, quando falo em guerra ao dogmatismo é no sentido do pesquisador, hoje, não assumir, com base de suas análises da realidade, paradigmas fechados e auto suficientes. É a exigência de uma postura aberta e crítica. É a busca do diálogo entre as teorias já há muito tempo

proclamada por Bourdieu quando dizia que, justamente, o que caracteriza a natureza das ciências sociais e, especificamente, da sociologia é essa intercomunicação entre suas "grandes teorias", é esse diálogo entre as teorias.

Nessa busca do diálogo entre as teorias, recoloca-se, então, como uma dos pontos centrais do debate, a vitalidade do marxismo como paradigma de análise da realidade social dos nossos dias. Qual é mesmo a vitalidade que o marxismo tem para dialogar com as outras teorias, para estabelecer uma interconexão com os novos paradigmas emergentes? E, nesse debate da vitalidade do marxismo, encontram-se, ainda, posições extremadas, reducionistas. De um lado, aqueles que logo, sumariamente, declaram a morte do marxismo, posição esta, que hoje, está na moda e que tem muita força na mídia. Basta você acompanhar jornais, revistas, televisão, sobretudo após esses últimos acontecimentos do Leste Europeu para constatar a defesa dessa tese da morte do marxismo, formulada com diferentes argumentos e enfoques, com maior ou menor dose de paixão. Do outro lado, os que, numa tradicional posição ortodoxa, defendem o marxismo como dogma de fé que tudo explica, considerando, inclusive, as próprias ampliações dentro do marxismo como desvios, como revisionismo. Esta posição é hoje pouco expressiva embora irredutível e configura-se, sobretudo, no interior de determinadas tendências partidárias de esquerda.

O importante, o saudável é que, atualmente, o debate vem apontando, de fato, para a possibilidade do diálogo do marxismo com os outros paradigmas contemporâneos. E, nesse sentido, uma questão que está posta na discussão e a possibilidade do diálogo do marxismo com abordagens culturalistas, em termos de uma interconexão entre macro e micro abordagens, entre abordagens estruturais e abordagens intersubjetivas que enfocam os comportamentos concretos e banais, a cotidianidade, a questão do sentido, buscando-se, assim, dar conta da relação entre estruturas e sujeito na explicação da realidade social de nossos dias.

Essa exigência de interconexão, de síntese é marcante no debate contemporâneo. E tal exigência coloca para os pesquisadores no âmbito das Ciências Sociais, especificamente para nós do Serviço Social, um

impasse, um dilema que é o seguinte: como, na prática de pesquisa, abrir diálogo, a interlocução entre as teorias sem incorrer no eclétismo? Como se pode fazer o necessário diálogo entre teorias sem cair no eclétismo? Qual é a demarcação efetiva entre a necessária abertura teórica e o eclétismo? Como o pesquisador, em termos da análise dos fenômenos sociais, assistência social, questão de Estado, da mulher, da violência, crise de esperança o desencanto hoje vivenciados na sociedade brasileira, entre outros pode ter a necessária abertura teórica sem tornar-se eclético? Não vou aprofundar essa discussão.

Estou apenas demarcando-a e gostaria que a retomássemos coletivamente na discussão. De fato, esse é um dos pontos a avançar no debate e que, especificamente, nós, assistentes sociais, precisamos aprofundar como um de nossos atuais dilemas enquanto pesquisadores. E, neste sentido, já construímos alguns referenciais: de um lado, a certeza de que precisamos ter a necessária abertura teórica, flexibilidade de análise e, de outro, a convicção de que o eclétismo não é um caminho fecundo no desvendar da realidade. Então, qual é a demarcação entre uma casa e outra? Como não ser dogmático, mas como também não ser eclético?

Essas são algumas questões que quero delimitar ao introduzir, no plano filosófico/epistemológico, a discussão das versões atuais da crise dos paradigmas.

Toda essa discussão epistemológica das versões contemporâneas da crise dos paradigmas em termos da capacidade explicativa das teorias quando trazida para o âmbito específico da Pesquisa, para o campo da análise metodológica desemboca numa questão de fundo relativa à própria natureza do trabalho de Pesquisa, ou seja, à própria lógica da Pesquisa que traz, em consequências o questionamento do percurso, da dinâmica da pesquisa. E a polêmica central é a seguinte: a Pesquisa, enquanto análise da realidade, é um trabalho de desvendamento do real que exige, fundamentalmente, um trabalho da Razão em termos do manuseio das teorias, da articulação conceitual ou é, antes de tudo, uma fotografia da realidade em que o fundamental é inserir-se na dinâmica do real sem a pressão das teorias, sem a camisa de força dos conceitos?

Em outras palavras: a Pesquisa é um trabalho racional ou é um trabalho intuitivo?

Essa é uma das grandes polémicas que as Ciências Sociais estão enfrentando na atualidade e que está presente na História, na Sociologia, a partir da análise de autores que vem revolucionando a discussão sobre os parâmetros do conhecimento, como Walter Benjamin, Castoriadis, entre outros. E, neste momento, uma questão que se coloca para o nosso debate é como essa polémica está debatendo no Serviço Social, ou seja, quais os desdobramentos dessa discussão em termos da produção de conhecimento no Serviço Social.

No âmbito de toda essa discussão, é importante reafirmar que a polémica Razão/Intuição tem repercussões muito fortes no próprio encaminhamento da pesquisa, ou seja, no campo da operacionalização de fazer pesquisa. De fato, quando se concebe a pesquisa como um trabalho racional, tem-se uma postura metodológica decorrente na relação com a realidade: questiona-se o real, construindo um problema, um objeto. Logo, o objeto não é imediato e, sim, é fruto da reflexão do pesquisador sobre o real, na tentativa de desvendar o que está por detrás da aparência fenomênica. Por outro lado, quando se considera a pesquisa como um trabalho intuitivo, a postura metodológica na relação com o real é bem outra: entende-se que a realidade está posta e, como tal, ela se revela ao pesquisador e, assim, o objeto é o fenômeno em si, é o fenômeno tal como a realidade o coloca, cabendo ao pesquisador procurar resgatar a dinâmica do real.

Na verdade, essa polémica sobre a natureza da pesquisa enquanto trabalho racional ou trabalho intuitivo é muito séria do ponto de vista da Ciência porque, justamente, o que está em jogo é a própria concepção da Ciência, ou seja, o fazer Ciência, na medida em que se questiona a Razão. É o questionamento da Razão, enquanto condição do trabalho científico, da pesquisa. E, quando me refiro ao questionamento da Razão é o questionamento da Razão e dos seus produtos que são as teorias, que são as elaborações conceituais, questionamento esse que emerge, hoje, com muita força, no final do milênio, configurando o que se está denominando de uma nova crise da Razão. E, no interior do pensamento ocidental, já se vivenciou várias crises da Razão. No entanto, é importante resgatar que

essa crise da Razão, hoje, tem uma determinação histórica precisa em termos de críticas veementes à Modernidade e ao projeto Iluminista de progresso pela via da Razão, personificado na Ciência, na Técnica. De fato, essa crise da razão vem no bojo de um momento de desencanto com a modernidade, com o progresso, com a Ciência frente às chamadas perversões da Razão. E, quais, seriam essas perversões da Razão que hoje são colocadas frontalmente? A destruição do meio ambiente, a forma como o homem se relaciona com a natureza, a reprodução ampliada da miséria, da fome, a manutenção da opressão, o pesadelo nuclear. Enfim, a extinção da vida, a destruição do planeta como obra do progresso e do avanço da Ciência, da Pesquisa. E mais ainda: o desencanto com as utopias, no bojo da crise do Socialismo Real. E este desencanto com as utopias toca muito perto, a nós, assistentes sociais, que, nos embates do dia a dia lutamos por essa nova identidade que estamos tentando construir no âmbito do Serviço Social.

Enfim, a crise contemporânea da Razão vem contextualizada numa crise da Modernidade. E o que é mais sério é que essa crise tem hoje uma dimensão ampla, tem um amplo espectro, na medida em que as críticas à razão e à modernidade emergem das mais diferentes perspectivas. Sergio Paulo Rouanet - um dos intelectuais contemporâneos mais fecundos que assume esse debate a nível de Brasil -, sistematiza essas críticas à modernidade dentro do que chama de três distintas perspectivas: as críticas conservadoras, as críticas de esquerda e as críticas dos pós-modernos.

Aqui vou deter-me, especificamente, nas chamadas críticas de esquerda e nas críticas dos pós-modernos.

No âmbito das críticas de esquerda à modernidade, destacam-se as desenvolvidas pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, sobretudo pela chamada Primeira Geração da Escola de Frankfurt, representada por Adorno, Horkheimer, Marcuse e que denunciam, na modernidade, a traição dos ideais iluministas de transformar a Razão em um novo mito, a serviço da repressão, a serviço da dominação sobre os homens e sobre a natureza. É uma crítica marcada por um profundo pessimismo, por uma negatividade teórica e prática da Razão frente à trágica experiência da recaída da Razão na barbárie em pleno século XX.

Ainda no âmbito das críticas de esquerda à modernidade, tem-se as críticas de Foucault, nosso velho conhecido no Serviço Social - década de 70, início dos anos 80. O que Foucault denuncia em termos da razão, em termos da modernidade? Denuncia a administração da vida através da disciplina. Diz ele que o projeto racional, o projeto da modernidade caminhou para disciplinar o homem, submetendo a totalidade da vida humana a um projeto de treinamento para a docilidade social. São as célebres críticas de Foucault ao poder, aos micro-poderes, à submissão, à autoridade. Em síntese, Foucault faz uma denúncia da Razão como instrumento de repressão, como instrumento de disciplinamento.

Quanto aos chamados Pós-Modernistas, a sua crítica funda-se na crença de que a Razão é um instrumento de dominação, de repressão, de uniformização, de nivelamento, de fim do múltiplo. Os Pós-Modernos criticam enfaticamente a padronização da modernidade, e, assim, defendem a substituição da Razão por outra coisa que não se sabe bem o que é, mas algo que possa, segundo eles, restaurar a multiplicidade, o direito à multiplicidade, o direito da vida, o direito do verde. Daí os Pós-Modernos assumirem, dentre outras frentes, a luta das minorias. Segundo Rouanet, a Pós-Modernidade, mais do que uma posição teórica, é uma atitude visceral de impaciência, de rejeição às perversões da Razão, realizadas em nome da Ciência, expressando uma falta de fé nessa Razão Científica, enquanto cavalo de batalha dos tempos modernos. Um dado relevante a se ter presente na crítica dos Pós-Modernos é que, nessa sua rejeição à Razão Científica, eles defendem a extinção das chamadas grandes teorias ou relatos, tais como a Dialética, a Hermenêutica, entre outras. E mais: a superação das utopias. Essa posição dos Pós-Modernos de veemente defesa da extinção das grandes teorias e das utopias é feita em nome de uma Ciência Operacional que privilegia o critério tecnológico onde tudo possa se transformar em bits de informação. É uma outra lógica de cientificidade.

Feito este mapeamento das vertentes de crítica à Modernidade, à Razão, é importante ressaltar que tais críticas desembocam numa rejeição à Ciência em termos de uma rejeição ao processo de sujeição do homem às categorias da Razão Científicas.

O eixo central das críticas é a denúncia de estar a Ciência à serviço de uma "a priori" desumano: o "a priori" da dominação. Adorno, especificamente, denuncia o projeto da Ciência em termos da relação do pesquisador com o seu objeto que, segundo ele, é uma relação de colonizador: conhecer para utilizar, para manipular, ou seja, a instrumentalização do conhecimento a serviço do poder, da exploração. Cumprir demarcar que tais críticas expressam, antes de tudo, uma rejeição dos padrões da cientificidade da modernidade. É uma crítica aos padrões da Ciência proclamados pela modernidade. E, nessas críticas, assumidas tanto pelos Pós-Modernos como por vertentes de esquerda, configura-se uma rejeição às grandes teorias consubstanciadas na modernidade e caracterizadas como globalizantes, totalizantes e, enquanto tal, incapazes de, na sua generalidade, dar conta de explicar a dinâmica do real. Daí uma tendência no interior das Ciências Sociais que hoje reivindica que se trabalhe o micro, o pontual, o particular, o que exige a utilização de novas abordagens analíticas.

Toda essa polémica em torno da incapacidade analítica das grandes teorias tem uma repercussão direta no Marxismo, enquanto um dos paradigmas mais expressivos da modernidade. E essa rejeição ao marxismo no bojo das críticas à Modernidade passa a constituir uma das dimensões da própria crise do Marxismo que aparece como uma das fortes marcas do debate contemporâneo.

Segundo Rui Fausto, essa crise do Marxismo eclode a partir de três pontos essenciais: primeiro, as mudanças do capitalismo, com novas clivagens e novas lutas; segundo, a nova dimensão que a história ganha com os novos meios de destruição que alça o homem à condição da história, mas numa posição negativa de morte e destruição genéricas e não da vida genérica, como antevira Marx, desviando o curso da história previsto pelo Marxismo; terceiro, a crise do socialismo real, no Leste Europeu, com a derrocada dos regimes que se proclamaram baseados no Marxismo.

Essa crise do paradigma marxista que vem de encontro à crise da Razão transformou o marxismo no alvo predileto das críticas à modernidade, com um questionamento frontal: como fica a doutrina marxista, frente à falência de sua prática?

E mais: o que se coloca então, como perspectiva no âmbito das Ciências Sociais? No contexto da crise, se a constatação é de que a Razão fracassou, se há um desencanto com a modernidade, se a Ciência não deu conta dos grandes problemas da vida no planeta, então, qual é a saída apontada e formulada pelos críticos e analistas?

Constatou-se que, face à tragédia da razão, emerge como saída o chamado Irracionalismo, enquanto movimento de negação da Razão que se expressa nos mais diferentes campos, assumindo diferentes matizes de acordo com a perspectiva das críticas. Assim, configuram-se abordagens irracionalistas no campo das análises mais conservadoras e vertentes irracionalistas no âmbito das análises de esquerda. Entre nós, no Brasil, difundiu-se o que Sérgio Paulo Rouanet chama "O novo irracionalismo brasileiro" que, retomando velhas denúncias, expressa-se em diferentes domínios: na cultura, na arte, na política e na ciência. Em relação, especificamente, à ciência, o Irracionalismo materializa-se num rechaço às grandes teorias e numa retomada ingênua de teses empiristas que evocam a prática como única referência legítima.

No âmbito da pesquisa, o Irracionalismo configura-se em diferentes versões, em diferentes propostas, que se unificam num eixo comum: o entendimento da pesquisa como um trabalho de imersão na realidade, como uma fotografia do real, a partir da convicção de que a realidade, na sua dinâmica própria e peculiar, fala, revela-se ao pesquisador que precisaria, apenas, ter uma forma de chegar à realidade, definir o melhor jeito de ter acesso ao real. E, a partir daí, passa-se a enfatizar na dinâmica da pesquisa as formas de inserção na realidade, reduzindo o fazer pesquisa às técnicas de coleta de dados, capazes de revelar o real ao pesquisador. É a concepção da Pesquisa como um trabalho intuitivo. Hoje, esse entendimento intuitivo da Pesquisa tem uma expressão nas Ciências Sociais, configurando-se neste campo diferentes abordagens que guardam entre si a mesma lógica, destacando-se entre outras: determinados estudos do cotidiano, sobretudo os inspirados em Mafesoli; algumas tendências que proclamam o estudo dos comportamentos banais, concretos, e, ainda, vertentes dentro da chamada Nova História.

O resgate de toda essa discussão enquanto expressão da crise da Razão no contexto da Modernidade bem evidencia que, no momento

contemporâneo, tem-se um acirramento da clássica polémica Racionalismo/Irracionalismo, hoje, com novas versões, reacendendo e dando cara a um velho debate nas Ciências Sociais, qual seja: Objetividade/Subjetividade.

E, então, configura-se uma questão central: como avançar nesta polémica Racionalismo/Irracionalismo?

Antes de mais nada, é necessário demarcar, com base de análise, dois pontos-chaves ou a dupla face da questão.

Primeiro, por um lado, tem-se que reconhecer que essa crítica à Razão e as suas perversões na modernidade em nome da Ciência e da Técnica em função do mito do progresso são críticas pertinentes. E mais: as críticas ao dogmatismo da Teoria ao manuseio conceitual como camisa de força imposta à realidade num racionalismo fechado e cego também são críticas procedentes, inclusive, dentro da tradição marxista.

Segundo, por outro lado, tem-se que reconhecer, também, que o Irracionalismo proposto como saída não traz nada de novo, parecendo reeditar velhas formas e posturas já superadas na História. Especificamente em relação à pesquisa - como bem destaca Ruth Cardoso -, essa volta ao concreto, de deu pelos mesmos caminhos já trilhados pela ciência positivista, resgatando um modo de encaminhar o trabalho de pesquisa bem perto da clássica formulação do empiricismo positivista: "dados bem coletados devem falar por si mesmos".

Assim, configura-se um impasse: de um lado, as críticas à Razão no contexto da modernidade são pertinentes; mas, de outro lado, o Irracionalismo nos termos propostos não traz nada de novo. E, então, questiona-se: que possíveis saídas se colocam em termos de perspectivas para as Ciências Sociais? Como sair desse impasse que a polémica Racionalismo/Irracionalismo configura para as Ciências Sociais neste final de século?

Uma análise da produção contemporânea das Ciências Sociais permite delimitar diferentes alternativas de saída, podendo-se destacar, entre outras, as vias apontadas por Walter Benjamin, Castoriadis, Agnes Heller, Hannah Arendt. No entanto, quero, aqui e agora, resgatar uma das

saídas que considero das mais pertinentes em termos de contribuições efetivas para o avanço do debate, que é a perspectiva apontada por Habermas.

Jürgen Habermas, pertencente a uma segunda geração da Escola de Frankfurt, aponta um caminho fecundo para nós ao transformar a negatividade que marcou a crítica da primeira geração em positividade em termos de um resgate da Razão, mas da Razão na sua dimensão integral, na sua dimensão total. Nesse sentido, Habermas, reconhecendo a legitimidade e procedência das críticas feitas à Razão, argumenta que essa Razão, expressa na modernidade e responsável pela destruição da vida e do planeta é apenas um aspecto da Razão, o seu aspecto instrumental, sistêmico, que se desligou da Razão Integral, submetendo os homens a uma relação exclusivamente cognitiva com o mundo, esquecendo-se da existência de outras esferas que também compõe a vida social. Logo, a crise da Razão é, antes de tudo, a expressão da redução da Razão. Reduziu-se a Razão à sua dimensão cognitiva e, assim, deixou-se de lado a esfera das normas, das vivências subjetivas, das emoções, dos valores, das paixões, restringindo-se a Ciência e a Tecnologia a um projeto de dominação, destituído de um sentido ético. Assim, segundo Habermas, as críticas que renegam essa Razão encarnada na modernidade confundem a Razão sistêmica com a Razão em si. Logo, para eles não é a Razão que está em crise, mas é uma forma atrofiada e reduzida da Razão. E, em decorrência dessa análise, o que Habermas propõe como saída? A sua proposta é, justamente, resgatar outra dimensão da Razão, que não foi trabalhada, que é a dimensão da comunicação. Argumenta ele que, na modernidade, o homem ficou restrito simplesmente à dimensão instrumental, à dimensão cognitiva da Razão e que, assim sendo, tem-se que manter esta dimensão e resgatar uma outra dimensão da Razão, que é a Comunicação. Nesta perspectiva, Habermas elabora como alternativa para enfrentar as perversões da Razão Sistêmica a Teoria da Ação Comunicativa, fundada no princípio da comunicação como busca do entendimento mútuo, com exclusão da violência. E uma das teses básicas da alternativa habermasiana da racionalidade é que não há comunicação sem que os autores sejam capazes de criticar as proposições com argumentos racionais. Ele entende que a racionalidade está essencialmente

vinculada à crítica. Portanto, Habermas estabelece um vínculo essencial entre a Razão e Crítica. Nesta perspectiva, defende aquilo que chamamos de "uma Racionalidade Comunicativa". A partir daí, ele redefine a Razão Científica, redefine a Ciência, resgatando a dimensão intersubjetiva no processo de produção do conhecimento. E, neste sentido, Habermas sustenta uma tese - interessante, porque vai aos fundamentos do marxismo - de que na raiz do processo do conhecimento humano existe uma relação social e que, assim, a Ciência é produzida no âmbito do entendimento, no âmbito da comunicação, a partir de um processo de argumentação, de crítica, de autocrítica, de reflexão, de auto-reflexão entre sujeitos. Assim, a Razão está enraizada nas estruturas intersubjetivas chegando Habermas, então, a construir uma concepção de Racionalidade Comunicativa, uma Racionalidade Processual: serão racionais, serão científicas as proposições que atendam, ou venham a atender, os requisitos racionais da argumentação e da contra-argumentação, da prova e da contra-prova, enfim, os argumentos que resistirem à crítica, ao debate, visando sempre um entendimento mútuo entre os participantes. Nesta perspectiva, Habermas configura, a nível de Ciência, um novo paradigma: o "paradigma Sujeito-Sujeito" que se contraporia ao paradigma clássico da modernidade que é o paradigma "Sujeito-Objeto". É a Ciência se fazendo na relação social entre sujeitos. E neste seu paradigma de cientificidade, Habermas reedita, como método das Ciências Sociais, a Hermenêutica em termos da compreensão do sentido, da interpretação dos significados.

Inspirado em Habermas, adotando o modelo de ação comunicativa, Sérgio Paulo Rouanet difunde, no interior do pensamento epistemológico brasileiro, a exigência de se assumir um Racionalismo Novo, fundado na Razão Crítica. E, argumenta que os pesadelos da modernidade são manifestações da irracionalidade e não da racionalidade, afirmando que não se pode combater irracionalidade com irracionalismo. E, assim, defende que a saída para esses pesadelos da modernidade está na Razão Crítica, porque só a Razão pode ser capaz da crítica. Então, ele aponta a crítica como a grande saída. E, nesse sentido, defende o resgate da Razão Integral, na unidade da Razão Teórica, enquanto Razão Científica, e da Razão Prática, enquanto Razão Ética e Estética. E aponta como alternativa nesse resgate da Razão Integral a Razão capaz de crítica e autocrítica que,

além do cognitivo, trabalha o mundo dos valores, das paixões, dos sentimentos, rompendo a prisão do trabalho exclusivo com o mundo dos fatos. É o que Rouanet chama "Razão Sábia", que é capaz de trabalhar a subjetividade, procurando trabalhar, inclusive, até as questões do inconsciente, que estão presentes nos nossos atos racionais.

De fato, considero toda esta análise de resgate da Razão Integral, inspirada em Habermas, uma fecunda contribuição que, urgentemente, precisamos aprofundar no nosso debate no âmbito do Serviço Social sobre o fazer Ciência, sobre o trabalho de investigação do Real.

E, aqui, cabe um destaque: por que estou trazendo Habermas para esta discussão? Por que acho relevante resgatar Habermas na busca de saídas para os impasses configurados na polêmica Racionalismo/Irracionalismo? Justamente porque Habermas amplia o conceito de Razão e articula, nessa ampliação, o domínio do cognitivo, em termos do factual, do objetivo, com o domínio do subjetivo, em termos de vivências dos valores, do sentido. E, nessa perspectiva, sinaliza, a meu ver, algo muito importante no desvendamento do real: a exigência de se trabalhar a subjetividade no campo da Ciência, não substituindo o objetividade, mas articulando-a com a objetividade.

A partir da Habermas, Rouanet propõe - explorando essa ampliação da Razão - revitalizar o próprio Racionalismo, como via da Ciência. E, para o trabalho de pesquisa, enquanto processo racional, para o entendimento racionalista do fazer ciência, o paradigma habermasiano, via Rouanet, oferece, de fato, preciosas indicações. A meu ver, pode-se resgatar três pontos essenciais como pistas fecundas em termos do trabalho no âmbito das Ciências Sociais:

- 1º) a crítica como principal atributo da Razão e como condição básica da Ciência;
- 2º) a subjetividade, como elemento básico no fazer ciência;
- 3º) a argumentação entre sujeitos como expressão do raciocínio crítico na busca do conhecimento, ou seja, a questão do confronto, do debate no processo de trabalho científico.

Estou propondo o resgate dessas indicações habermasianas dentro

da lógica de análise Dialética, entendendo que essas indicações da crítica, de subjetividade, do confronto de idéias não se contrapõem, em absoluto, à Dialética. Pelo contrário, tais indicações revitalizam os fundamentos da Dialética, desenvolvem as suas potencialidades que foram castradas por algumas versões reducionistas e esquemáticas do marxismo.

Ao resgatar essas indicações habermasianas na lógica Dialética, estou propondo, como perspectiva de pesquisa no âmbito das Ciências Sociais, o Racionalismo Crítico, o Racionalismo Aberto, entendendo a Pesquisa como um trabalho de construção da Razão Crítica, Razão que reflete, que articula, que discute, que argumenta, que analisa na busca do desvendar as determinações e as mediações da realidade. A tese central que estou assumindo é que, fundados nessa Razão Crítica, podemos resgatar a natureza e a dimensão dialética do "paradigma sujeito-objeto", superando a visão manipulatória que, historicamente, tem marcado a pesquisa dentro desse paradigma e que foi criticada com veemência no bojo da crítica aos padrões da cientificidade da modernidade. A meu ver, a questão não é simplesmente negar o "paradigma sujeito-objeto" como alternativa da pesquisa e, sim, redefiní-lo, repensá-lo, ampliá-lo, incorporando as indicações colocadas por essa concepção ampliada da Razão Integral.

Cumpre ressaltar que essa definição em termos do Racionalismo Crítico no sentido de uma ampliação do "paradigma sujeito-objeto" demarca uma perspectiva geral de trabalho, um posicionamento filosófico do pesquisador frente à tarefa de fazer Ciência. E este posicionamento tem implicações metodológicas diretas na dinâmica da pesquisa. Senão, vejamos: ao ampliar-se o "paradigma sujeito-objeto" a partir das indicações habermasianas, tem-se repercussões efetivas na relação do pesquisador com a realidade, na forma de trabalhar a Teoria, na forma de conceber e viabilizar o Método e, inclusive, no encaminhamento dos procedimentos e estratégias da Pesquisa.

A partir dessa análise que bem demarca concepções e entendimentos em termos do fazer Ciência, coloca-se ao recoloca-se uma questão básica: dentro dessa perspectiva do Racionalismo Crítico, do Racionalismo Aberto, da redefinição do "paradigma sujeito-objeto", como trabalhar o Marxismo enquanto via de análise? De fato, qual é a vitalidade do

Marxismo como instrumento de análise da realidade de nossos dias? Quais são os seus limites, enquanto via de análise dos fenômenos sociais que hoje desafiam os pesquisadores no âmbito das Ciências Sociais?

É essa uma questão central no debate hoje que está posta na academia, nos partidos, nos movimentos sociais e amplamente divulgada na mídia. E o seu enfrentamento remete a um discussão epistemológica sobre o próprio Marxismo.

João Antonio de Paula, nesse Seminário, na sua conferência "A Produção do Conhecimento em Marx", abordou de forma brilhante esta polêmica questão, mostrando, analiticamente, como, nos fundamentos do Marxismo, encontram-se preciosas e valiosas indicações em profunda coerência com a nossa proposta do Racionalismo Crítico.

Aqui, agora, para avançar nessa discussão sobre o Marxismo e seu potencial analítico, estou trazendo para o nosso debate dois analistas brasileiros que discutem, profundamente, a vitalidade do Marxismo na contemporaneidade, fornecendo, a meu ver, preciosas pistas. São eles Rui Fausto e Carlos Nelson Coutinho.

Rui Fausto, retomando a dialética, destaca, na contemporaneidade, um duplo fenômeno que marca o Marxismo, ao afirmar que o Marxismo envelheceu, mas é o grande desconhecido. Portanto, por um lado, há o envelhecimento e, por outro lado, há um desconhecimento do paradigma Marxista. E, partindo dessa sua tese, Rui Fausto propõe um duplo trabalho a ser realizado:

Primeiro, analisar os fundamentos do Marxismo, num estudo rigoroso das suas fontes. Especificamente, para nós, no âmbito do Serviço Social, esta indicação é crucial, pois, como bem analisa José Paulo Netto, nossa relação com o marxismo deu-se por muitos vieses, inclusive, o da falta de um estudo consciente das fontes. Logo, essa primeira tarefa apontada por Rui Fausto é uma exigência que precisamos assumir, hoje, na pesquisa em Serviço Social: analisar, num estudo rigoroso, os fundamentos do Marxismo;

O segundo trabalho é analisar os limites do Marxismo, o que supõe uma relação crítica com o paradigma Marxista, ou seja, não aceitar o

Marxismo como dogma, mas tendo presentes princípios e pressupostos, ser capaz de crítica, uma releitura, uma ampliação do próprio Marxismo.

Carlos Nelson Coutinho assume a tese básica de que o Marxismo tem uma História que é um esforço permanente de superação dialética de posições que se tornam anacrônicas ou se revelam equivocadas. Esta tese parece óbvia, mas não o é, demarcando, na verdade, uma posição epistemológica e metodológica em relação ao Marxismo. Assim, partindo desta tese básica de que o Marxismo tem uma História, Carlos Nelson Coutinho defende a exigência de um trabalho constante de ampliação conceitual, determinado pelas exigências históricas. Neste sentido, cabe aqui retomar como materialização desta proposta a própria elaboração de Carlos Nelson Coutinho, na sua obra "Dualidade de Poderes", onde ele retrabalha dois conceitos centrais dentro do Marxismo - Estado e Revolução -, incorporando novas determinações históricas numa efetiva ampliação conceitual em termos da renovação profunda de conceitos fundamentais a partir das exigências da realidade. E, bem configurada essa sua posição epistemológica e metodológica da ampliação conceitual, Carlos Nelson esclarece que esta renovação profunda de conceitos básicos se dá numa fidelidade do Marxismo aos pressupostos e noções básicas dos seus fundadores e ao seu método de análise da realidade.

Assim, aqui e agora quero reafirmar minha posição: defendo o Marxismo como referência analítica fundamental no âmbito das Ciências Sociais, entendendo que ele continua rico, continua fecundo, continua vivo, na medida em que, fiel à sua base dialética, permanecer como perspectiva teórica aberta. É o Marxismo crítico a que se refere João Antonio de Paula. É o marxismo em permanente construção, de que fala o Carlos Nelson Coutinho. Nesta perspectiva, considero que o Marxismo permanece fecundo como via analítica, inclusive, como suporte para a viabilização da proposta do Racionalismo Crítico. Na explicitação do posicionamento aqui assumido, cumpre deixar claro que, dentro do espírito da contemporaneidade, o Marxismo não pode ser visto como princípio e fim de tudo, o que veementemente coloca a exigência do diálogo com outras Teorias. É a necessidade da articulação entre paradigmas teóricos, hoje reconhecida por pesquisadores que trabalham nas mais diferentes perspectivas como condição da Ciência dar conta de

explicar as múltiplas dimensões dos fenômenos sociais neste final de século. Neste sentido, uma vertente significativa de análise nas Ciências Sociais, sobretudo no âmbito dos que trabalham a questão dos Movimentos Sociais, discute a possibilidade de articulação do Marxismo com as vertentes culturalistas, com as abordagens do cotidiano, com enfoque da Psicanálise, da Psicologia Social.

É necessário ainda elucidar um ponto importante: essa articulação, esse diálogo que se está propondo do Marxismo com outras perspectivas teóricas coloca-se, também, para o seu método: a dialética. Defendo, em consonância com tendências que hoje se configuram no plano da discussão metodológica, que é possível uma articulação da Dialética com outros métodos no âmbito das Ciências Sociais. E, antes de mais nada, cumpre esclarecer que a Dialética, como método de análise, como lógica de pensamento, popularizou-se e difundiu-se com o Marxismo, mas não se limita a ele. De fato, a Dialética não começou com o Marxismo e, segundo Rui Fausto, ela vai além dele. Diz Rui Fausto, textualmente: "não haverá novos marxismos, mas pode haver novas dialéticas".

Retomando, no entanto, um dos eixos da discussão que aqui vem sendo trabalhado, interessa-me aprofundar uma questão: ao trabalhar a Dialética, como método de análise na vertente Marxista, que possibilidades de articulação se colocariam nesta perspectiva de abertura metodológica, de abertura do campo de análise do social para atender a exigência de trabalhar a relação Estrutura/Sujeito?

Para avançar na discussão, quero deixar claro que estou sustentando a tese de que a dialética, tanto como método de investigação como enquanto método de exposição - e esta dupla dimensão do método dialético é uma tensão que permaneceu na abordagem de João Antonio de Paula - é uma via metodológica fecunda que tem todo um potencial de articulação com outras perspectivas metodológicas. E, nesta articulação, retomo, como alternativa de análise, Habermas.

Habermas, em coerência com a sua proposta de ampliação da Razão, propõe a articulação entre dialética e Hermenêutica como recurso metodológico para trabalhar a dimensão factual e a dimensão do sentido. Esta vertente é desenvolvida por um dos nossos mais brilhantes filósofos

brasileiros, Manfredo Oliveira, que assumiu esta articulação na perspectiva da produção da racionalidade nas teorias sociais, especificamente no seu trabalho "Dialética e Hermenêutica em Habermas".

E uma questão coloca-se para debate:

É possível no âmbito da Pesquisa articular Dialética e Hermenêutica?

Do meu ponto de vista, essa articulação Dialética e Hermenêutica é uma possibilidade fecunda que assumo como hipótese de trabalho em termos de recurso metodológico de análise para viabilizar, na prática concreta da pesquisa, a possibilidade de trabalhar com o objetivo e com o subjetivo, de trabalhar as determinações e mediações da realidade, de trabalhar o factual e o que está a nível da paixão, do sentimento, da emoção interferindo na ação dos atores sociais, enfim, a possibilidade de trabalhar as duas dimensões do real: objetividade/subjetividade. E, mais: essa articulação Dialética/Hermenêutica concretiza no plano metodológico do fazer pesquisa a ampliação da Razão posta por Habermas no plano filosófico.

Enfim, para terminar, quero ressaltar que no horizonte desse Racionalismo Crítico que vejo como a postura fecunda, em termos filosóficos, para a efetivação da pesquisa, no horizonte desta Razão Crítica que é capaz de pensar no ritmo da história, o Marxismo configura-se como uma das alternativas mais viáveis no debate contemporâneo das Ciências Sociais, tanto a nível de sua teoria como a nível de seu método. E, esta é uma convicção que se difunde junto com a crise do Marxismo, na inesgotável dialética da vida/morte. Ao mesmo tempo em que a mídia deflagra e muitos proclamam a morte do Marxismo, constata-se a sua vida. De fato, essa dialética essencial da morte e vida está muito presente, hoje, no debate do Marxismo.

Nesta mesma linha de raciocínio, de que o Marxismo é viável, na medida em que ele se abre, na medida em que estabelece um efetivo diálogo com outras perspectivas, finalizo, retomando Leandro Konder, em publicação do JB de 1º de setembro de 1991, Caderno Idéias, quando afirma:

"Se os expoentes da atual euforia neoliberal pensam que, na afobação com que se empenham em promover o enterro do marxismo, vão conseguir sepultar também as concepções com que o velho Marx nos ajuda a fortalecer o nosso espírito crítico e a nossa consciência democrática, tenho a impressão de que estão se enganando a si mesmos.

Ou então - quem sabe? - estão tentando enganar os trouxas."

Não sei se o Marxismo como construção doutrinária vai sobreviver à crise atual do Marxismo-Leninismo. Não sei se será possível repropor o termo com um conteúdo novo e ligá-lo a um novo movimento político. Uma coisa, porém, me parece segura: as ciências sociais contemporâneas e a luta pela democratização efetiva da sociedade não poderão dispensar as contribuições fundamentais que lhes vêm não só de Marx como de alguns pensadores que, com vigor e originalidade, retomaram, desenvolveram, aprofundaram, enriqueceram e às vezes corrigiram idéias Marxistas.

Em certo sentido, podemos dizer que o chamado "Marxismo" já se integrou irreversivelmente à cultura da esquerda e que está incorporado, como fermento, à reflexão democrática radical deste final de milênio.